

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA
Freguesia da Confederação Geral do Trabalho
Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
ANO III — Número 972
Sabado, 21 de Janeiro de 1922
PREÇO \$10 CENTAVOS

Na derrocada económica geral, tremendas responsabilidades pesam sobre as forças do "olho vivo", sobre os políticos, que tudo teem embrulhado e sobre todos os conventes, directos ou indirectos, na fome do povo. As classes operárias, que só por cobardia poderiam morrer de fome, não podem renunciar à luta. É o seu dever.

O eterno tema

A subida continua da vida provocará inevitavelmente a subida dos salários

A carestia da vida permanece sendo o flagelo dos q. e têm de viver circunscritos às possibilidades orgânicas dos salários que actualmente vigoram. Não há da parte dos cima, dos que governam, solução possível. Os governos já não prometem resolvê-la nem sequer afirmam que vão atenuá-la. As promessas governamentais a ninguém iludem, porque todos se cansaram de ser iludidos e até os próprios governos se cansaram de prometer. Nos jornais em que essa grave e permanente questão tem sido tratada, há hoje uma dificuldade enorme em discutir e os próprios consumidores já estão extenuados de ler objurgatorias contra os assambradores. A vida sobe continuamente, e cada dia que passa mais diminuem as probabilidades de ela baixar e cada dia que passa o seu encarecimento mais se acentua. Não há medidas governamentais, não há alvítilhos, não há nada que um homem ou uma entidade tenha apresentado que a consiga resolver. Sobre carestia da vida só há uma coisa de certo, de positivo: — o seu constante encarecimento.

Está demais provado, é demais conhecido que uma percentagem do custo dos géneros se deve a manobras ilícitas, demasiadas vezes classificadas como manobras criminosas.

Pintou-se os assambradores a cores negras, desenhou-se-lhe com matemática precisão a sua psicologia, esclareceu-se os consumidores e os que governam, sobre a forma como eles exercem a sua acção maldita e eles continuam tripudiando, continuam gozando da impunidade. Sofreram as campanhas formidáveis dos jornais, suportaram as medidas governamentais, agüentaram a troca das revistas e o ódio da população.

Pode-se continuar cumulando-os de insultos, de leis e de maldições que eles continuam com persistência diabólica a sua obra perversa. Os que trabalham continuam, apesar de tudo, vivendo à sua mercê.

Escusado será gastar-se mais frases, produzir-se mais raciocínios, fazer-se mais análises, que a carestia da vida conduzirá tudo isto a uma situação inevitável. Extenuados os proletários de esperar soluções, impedidos de viver, com os seus actuais salários, tudo o indica, tudo o faz prever que greves, grandes greves, greves formidáveis vão estalar. Os movimentos reivindicadores de maiores salários não tardarão muito a surgir. Não de estalar espontaneamente. Eles rebentaram, sem ser necessário fazer-se agitação preparatória, sem obediência a qualquer plano premeditado; estouraram naturalmente, impulsionados pela força poderosíssima das circunstâncias.

Não é o movimento duma classe, será o movimento de muitas, sendo de todas as classes que se vai apresentar.

Reconheceu-se de há muito que as greves de aumento do salário são impotentes para atenuar a carestia da vida. Mas isso no actual momento, para nada importa. É a única arma que pode ser manuseada pelos que trabalham e, certamente, ela será aproveitada tanto quanto possível. Haverá contudo classes que, pela natureza especial da sua produção, farão resultar dos seus movimentos uma nova subida das coisas, porque os capitalistas usarão certamente desse processo para se desforrar dos aumentos que concedem. Mas isso só fará aumentar a importância dos movimentos grevistas, que se não dilatarão até outras classes. E aí da classe que não se lance em greve, que não acompanhe o movimento ascensional de salários que certamente se vai operar! Será vitimada pela sua passividade, pela sua inércia.

Escusado será virom os que não realiam diariamente, sequer, uma hora de trabalho útil, gritar ser necessário trabalhar-se mais horas. Nenhum trabalhador lhes prestará ouvidos. Sabe-se que isso contribuiria para engordar ainda mais os especuladores que dovaram tudo quanto o trabalho produz. Nenhuma medida repressiva detará os futuros movimentos. Eles são inevitáveis. Teem de estalar, e forçosamente, contra todos os interesses feridos, contra todos os conselhos e previsões dos sociólogos bem jantados, a sua eclosão há-de dar-se.

E depois que venham lamentá-los os que pela sua acção criminosa para el es contribuíram, que venham condemná-los os que não souberam evitá-los.

Notas e Comentários

Liam, leiam!
Caminhos de Ferro do Estado
Direcção do Sul e Sueste
NOTA OFICIAL

Constando à Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste que alguns dos comerciantes de carvão da praça de Lisboa teem aumentado consideravelmente o preço deste combustível com o fundamento de que o seu transporte desde os centros de produção até à capital foi sobrecarregado com o recente aumento das tarifas ferroviárias, a mesma Direcção faz público, para conhecimento dos interessados, que o referido aumento não incidiu sobre os transportes de carvão vegetal, nem sobre o de outros géneros de consumo de primeira necessidade.

Lisboa, 20 de Janeiro de 1922. — O Engenheiro-Director, Plínio Silva.

Digam nos, agora, o que querem que se faça a esses amigos do povo?

Sim, digam-nos! Pois já há carvoeiros que, de facto, avisam a frequência que não teem carvão, e vão impingindo cisco e lenha com o competente aviso de que não há carvão e que quando este chegar já é mais caro.

Irá! Que os carvoeiros sujam, mas também ferem... a bolsa.

Ante o anunciado aumento do preço da água

Nota oficiosa da União dos Sindicatos Operários

Teem os jornais noticiado—não se sabendo se com visus de verdade—que o actual preço do metro cúbico de água vai ser aumentado. Sabemos que altas influências e altos empenhos se teem movido no sentido de mais uma infâmia e mais uma extorção à bolsa do consumidor se praticarem, e uma vez mais com a sanção do governo, que, como os anteriores, está sempre disposto a proteger os monopólios. Já a União deu a conhecer ao povo de Lisboa as traficâncias de que a Companhia das Águas faz uzo, para seu benefício e em prejuízo do consumidor. O trabalho e o estudo por este organismo feito em Agosto do passado ano, e que foi dado a conhecer a toda a população, inclusive aos ministros e parlamentares de então, provou mais uma vez que a Companhia, à frente da qual se encontrava por essa ocasião—como ainda se encontra—o sr. Carlos Pereira, pretendeu realizar a maior infâmia, que consistia em arrancar ao consumidor a "pequena" quantia de 10:500 contos. Devido aos esforços empregados por este organismo nessa ocasião, não conseguiu o sr. Carlos Pereira os seus malévolos e desumanos fins, apesar de ser defendido por criaturas que pareciam no negócio terem interesses. Julgamos desnecessário citar nomes porque cremos são conhecidos de toda a população. Antigos ministros do comércio e o sr. comissário do governo junto da mesma Companhia empregaram todos os esforços no sentido acima exposto.

Presentemente o actual ministro do comércio, desconhecendo do estudo da questão e talvez com interesses ligados, pretende—ao que se anuncia—aumentar o metro da água para 60 centavos.

Reconhece este organismo a necessidade que os assalariados da Companhia teem de um aumento de salário ante o agravamento constante do custo da vida.

Mas, ao mesmo tempo que isso, reconhece também que a Companhia para tal fazer não necessita de aumentar o preço da água. Haja em vista o estudo feito por este organismo e que parece ser desconhecido pelo actual ministro ou se o não é, é porque existem entendimentos de interesses ligados.

Ante o que se projecta, a União dos Sindicatos Operários chama a atenção de todo o povo de Lisboa e em especial da grande família produtora no sentido de imediatamente lançar o seu protesto contra o anunciado aumento do preço da água, porque, sendo o mais necessário ao povo, é ao mesmo tempo um género que não é importado nem fabricado, porque é dado pela natureza.

Devem portanto os sindicatos operários desde já manifestarem perante o governo, e em especial perante o ministro do comércio, o seu veemente protesto contra semelhante infâmia.

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

O Conselho de Delegados, a reunir hoje, pelas 21 horas, ocupar-se há do assunto e traçará o caminho a seguir.

respeitante à illusória crença, em que os agricultores se encontram, de poder ressarir-se ainda dos inculcáveis prejuízos sofridos já.

O registo obtinário tem sido assustador — como há muitos anos não se observava —, os campos estão por cultivar; as poucas sementeiras que se fizeram podem considerar-se perdidas; os gados não teem pastagem; e a par de tudo isto, as epidemias teem causado perdas irreparáveis.

No entanto, assim vamos vivendo, — se é que é licito chamar-se viver a este inferno de miséria em que nos debatemos...

Estes factos não são, desgrazadamente, isolados, nem é só aquela região atingida. Quantos quadros de miséria e dor ficam sepultados na escuridão tenebrosa dos lugarejos proletários?

Está a obra, «real» e «palpável», dos senhores da finança, do comércio e da indústria. Ou não?

Já é tarde...

António Francisco Pereira, velho militante do Partido Socialista, numa entrevista dada ao «Diário de Notícias», lamentou «que as massas proletárias organizadas sindicalmente não queiram fazer reparo no erro grave em que laboram e não se decidam a votar nos representantes socialistas».

Não nos parece. As massas organizadas sindicalmente não votam nos candidatos socialistas, pela razão muito simples de não reconhecer vantagem na luta parlamentar. E, demais, sabendo como os chamados partidos da burguesia, em íntima colaboração de classes, menos vontade teem de compartilhar nessa colaboração.

Poderão objectar-nos que essas massas, ou parte delas, não votando nos socialistas, votam, entretanto, nos partidos da burguesia, e, possivelmente, nos monarchicos.

Está certo. Mas isso apenas significa que o Partido Socialista, com dezenas de anos de existências ainda não pôde, ou não soube pelo seu procedimento, pela sua acção, captar a simpatia das massas.

E assim sofre-lhe as consequências. Agora será já tarde, sequer, para o tentar. É o perigo que esse agrupamento ainda se vê na contingência de recorrer aos fortes partidos burgueses para obter uma missão de candidaturas.

Essa é a sua maior condenação. As massas organizadas sindicalmente, à maneira que vão adquirindo maior consciência de classe, melhor vão procurando a sua posição de combate, presen-

dindo de defensores com compromissos burgueses, para só confiarem no seu esforço próprio, fortalecido pela solidariedade sindical — única compatível com a sua dignidade de trabalhadores.

Para que será? Esta pergunta teem-na feita a muitos anos, e a resposta é sempre a mesma: para os interesses dos próprios, para o deparar-se nos atos de que um certo número de intelectuais se veem reunindo, quasi dia a dia, ora nas salas da Vidúria, ora na Seara Nova.

Em princípio disse-se que seria para estudar um plano de acção dentro da República, a fim de lhe imprimir uma orientação diferente do que a tem tido.

Ignoramos qual será esse plano, ou mesmo se chegará a assentar em algum. Em regra, dentro deste país, é difícil conseguir-se alguma coisa de concreto e de prático, tal é a forma como tudo se encontra desorganizado e tais são as voltas e reviravoltas que isto dá.

O que de prático sabemos é que, se, de facto, quizerem contribuir para o levantamento «do moral» deste povo famélico de pão, de instrução e de educação progressiva teem que saltar por cima dos valores morais existentes, atacando de frente e de rijo os fundamentos jurídicos em que assenta a propriedade.

Se assim vierem a proceder, encaminhar-se-hão — certo — para o socialismo, ou, pelo menos, para o socialismo de Estado, aconselhando certas expropriações para e por utilidade pública.

Nun meio conservador como este em que vivemos, não sendo nada parecido com o que desejamos, que reputamos como radical remédio, se essa orientação tomarem, os intelectuais da nossa terra já considerarão aquilo como um acto de arrojio. E para os conservadores, será uma decisão inconcebível e bolezante.

Longas conversas terão, pois, havido. Serão neste sentido? Se não são, para que será? Pacientes como somos, cá continuaremos a esperar a resolução final... se a chegarem a tomar.

Remédio santo... Na romaria de Santo Amaro, em S. João da Cova, travou-se uma formidável peleja de cacete entre romeiros desavindos.

«A certa altura da contenda — diz o correspondente do «Século» — quando a desordem ia no seu auge, ferindo-se de morte os lutadores» surgiu no local do sinistro um padre de uma povoação vizinha, o qual pondo de parte os ensinamentos fraternais da Bíblia, pegou num varapau, desatando à pancada, a torto e a direito. Tantas e tam bem apli-

casdas foram as catetadas distribuídas pelo sacerdote que, a breve trecho, tinham caído à sua volta, vencidos pelos «irrespondíveis» argumentos, nada menos que oito dos dsordeiros».

Agora o que nos resta saber é se o «irraternal» e «misericórdioso» padre entrou, ou não, de de de lgo, na contenda. O que se prova é que é um belo «gagador de pau» — de onde se conclue que nem sempre o breviário e a salvação das almas foram o seu forte.

Forté se vê que é ele no cacete. Mas que bela obra lhe faria ali na rua dos Capelistas e travessas circunscritas... Como é padre até era um remédio santo...

Os lucros da produção... Nunca e demais dizer-se-o poder-se-ia por quem são os seus exploradores e razão porque os géneros se vendem por preços exagerados, que dia a dia crescem duma maneira esantosa.

A Associação dos Trabalhadores Rurais de Cabeço de Vitor fornece-nos elementos edificantes sobre os lucros da produção do azeite, por onde se vê que este precioso líquido se vende por uma quantia exorbitante ao consumidor, que é, afinal, quem paga sempre a ganância dos exploradores.

Assim, mostra-nos a despeza que se faz para produzir um decalitro de azeite: Para varejo, meio dia a um homem, 1\$50; 3ª parte, dois dias a uma mulher, 2\$40. Total da despeza, 3\$90. Há a acrescentar mais uma despeza da condução de azeitona para o lagar, mas essa fica coberta pelo bagaço, que rende o dobro. Ora o proprietário vende cada decalitro de azeite por 25\$00, ficando-lhe, portanto, um lucro de 21\$10.

De onde se depreende, mais uma vez, que se o preço dos géneros sobe não é porque cresçam os salários.

Os câmbios... De câmbios nada percebemos. Sentimos-lhe, porém, os desastrosos, os mortíferos efeitos, como toda a gente que se resda de não vagabundiar pela rua dos Capelistas — porque trabalha e se conhece o sofrimento. O nosso comentário de ontem foi plenamente confirmado, pois já hoje, vários jornais constataam, alvoroçadamente, a realidade do facto.

Há, por parte do alto comércio, dos srs. da finança o conhecido desprêzo pela tremenda miséria que estão causando. O seu patriotismo, a sua amizade pela «ordem pública» leva-os, no seu jôgo de abutres, a provocar a baixa até ao extremo.

O câmbio tinha a divisa a 4. Passou a casa dos 3. (Libras a 80\$00). Depois pas-

UM ASSUNTO PALPITANTE

¿A nova política económica dos sóviets representa um progresso ou um recuo?

Suponho que todos os que teem fé na Revolução, seguirão as notícias sobre o desenvolvimento da nova política económica russa, com a mesma ansiedade com que seguem os progressos de Koltchak ou de Youdenitch.

A história destes quatro últimos anos foi o triunfo político do poder proletário; ela demonstrou que o poder dos operários e camponeses resistia à coacção do mundo inteiro e era capaz de vencer todos os estados burgueses e reaccionários contra elle. Porém, se o poder político do proletariado triunfou, já não podemos dizer a mesma coisa a respeito as primeiras experiências de economia comunista.

A classe operária deu provas da sua «capacidade política», pela experiência dos sóviets russos, mas não fixou ainda as bases definitivas duma organização económica sua.

A classe operária russa está agora associada a obra de organização económica comunista, ao abrigo do poder dos sóviets. Do seu sucesso ou do revés dependem, pelo menos por agora, o sucesso ou o revés do comunismo em todo o mundo. Eis a razão porque seguimos, com profunda ansiedade, os desenvolvimentos da nova política económica russa.

Esta nova política constitui um recuo sobre a política económica dos anos precedentes, como afirmam os seus adversários e os próprios russos, ou pelo contrário um progresso?

Se atendermos a que alguns ateliers e oficinas são dados de arrendamento a capitalistas privados, essa politica marca certamente um recuo; mas é preciso ver que os arrendamentos não são dados só a particulares, são também dados a grupos de operários, a fim de que estes, constituídos em cooperativas, explorem as oficinas que lhes forem atribuídas.

Éra muito importante conhecer em que proporção as licenças de arrendamento são concedidas, tanto aos particulares como às cooperativas operárias, mas infelizmente, sobre este ponto, a informações são raras.

Se as empresas arrendadas às cooperativas operárias forem muito mais numerosas e muito mais importantes do que as dadas aos particulares, se estas últimas constituírem excepção, poderemos esperar que elas desapareçam rapidamente e então, neste caso, a nova politica económica russa parece estar destinada a conduzir a uma organização da produção muito superior à precedente.

A organização económica russa, tal como funcionava estes últimos anos, assemelhava-se mais, efectivamente, a uma organização militar do que a uma organização comunista. Sobre essa organização nós não temos, infelizmente, grandes informações porque, tanto os russos como os franceses que teem visitado a Rússia, se têm descurado em fazer um estudo de conjunto a este respeito, mas vê-se bem que o principal essencial dessa organização era aproximadamente o seguinte: todas as empresas socializadas, isto é, todas as que empregavam mais de cinco operários, trabalhavam sob a direcção directa dum organismo único, com sede em Moscú: o Conselho Superior de Economia Nacional. Era este, ou as suas filiaes, que designavam qual a produção a que cada uma das oficinas se devia entregar a quantidade de produtos que se devia fabricar, era elle ainda que se encarregava de prover as oficinas de matérias primas, de combustíveis, dos operários necessários, etc...

Esta organização era caracterizada, portanto, por uma centralização excessiva, absolutamente incompatível, com a satisfação das variadas e múltiplas necessidades que reclama a marcha duma oficina. A produção teem necessidade duma flexibilidade, que uma economia de Estado assim compreendida é incapaz de dar-lhe. Estabelecer um plano único de produção applicavel até às oficinas das aldeias, só a um desastre poderia conduzir.

Quere isto dizer que teinha sido inútil essa socialização geral, esse embargo de toda a produção pelo Estado, que Lé-nine nunca quiz, mas que foi imposto aos commissários do povo pelo vontade popular? De forma nenhuma. Ela foi não sómente útil mas necessária, porque fez taboa raze da antiga economia, foi magnificamente destrutiva das antigas formas economicas capitalistas. Para destruir a Economia capitalista foi necessário que a Economia russa quasi se destruísse a si mesma.

Assim agora, que a obra de destruição está terminada, é preciso passar à obra de construção e é esta que a Revolução russa está elaborando, com alguma possibilidade de êxito.

«Aqui há a dos 2. (Libra a 120\$00) e edepois... nessa altura haverá ainda um depois? — pergunta um jornal pertencente a um financeiro.

E depois, sim, depois... virá o dilúvio, pensarão os Harpagos, os zangãos, essa alcatela de patifes, nos quais não cai um raio que os parta!

Mes, que quereis? Este é o resultado do seu sistema, srs. conservadores deste regime económico, que tanto os satisfaz e pelo qual tantas lanças quebram. É o resultado da incompetência, da concorrência, srs. do comércio, srs. da industria, srs. da governança.

Os srs. não têm dúvidas algumas a esse respeito, não é verdade? Todavia fechem os olhos. E isso comprehendem.

A fome, a negra fome, só muito de longe os attinge.

Conhecemos já o vosso cinema...

der criador que acompanha sempre as Revoluções.

Os estudos de Marx consistiam em determinar qual devia ser a politica do proletariado; Marx analisou quais eram as condições politicas necessarias para que a classe operária podesse realizar a sua emancipação económica; traçou a directriz a seguir pelo proletariado, na sua acção, destinada a derrubar a burguesia e a estabelecer o seu próprio reinado, mas aí parou. Marx nunca tentou descrever as formas concretas que poderia ter a organização económica, quando o proletariado, senhor da situação, edificasse a sua própria sociedade. Marx reconeu, sem dúvida, diminuir o valor científico da sua doutrina e cair nos erros dos fabricantes de utopias, pela introdução na sua obra de elementos forçosamente hipotéticos.

Pelo contrario, outros revolucionários, os anarquistas principalmente e sobretudo Krapotkine, deram largas à sua imaginação e tentaram esboçar o desenho geral das formas que viria a ter a economia comunista. Ora, parece justamente que a nova politica económica russa se encaminha para a realização dessas formas.

Proudhon, Krapotkine, nunca consideraram a sociedade comunista à maneira de Saint-Simon, como uma unidade económica única e hierarquizada, onde uma espécie de burocracia central dirigia e regulava os menores detalhes da produção, mas sim como a reunião duma série de associações e de agrupamentos de produtores, cada um trabalhando autonomamente e trocando entre si, na base de igualdade, o produto do seu trabalho.

Esses agrupamentos, conforme o ramo de produção a que se applicassem, podiam ser constituídos desde a reunião de dois ou três individuos, até aos agrupamentos de muitas centenas ou muitos milhares de trabalhadores; os primeiros, como o camponês com a sua chrrua ou o artefice e o seu aprendiz na sua pequena oficina, trabalhavam segundo um plano individual, os outros, como os ferrovários, os mineiros, os operários das fabricas de aço, trabalhavam segundo um plano colectivo, nacional ou internacional.

Ora é, com efeito, para a Economia desta natureza, que a Revolução proletária parece encaminhar-se. A mediana e a pequena industria russa foram desnationalizadas, e só agora livremente exploradas por colectividades operárias; quanto à grande industria, essa continua nas mãos do Estado. Mas pela criação do que eles chamam trusts, os russos deram à sua industria estais uma grande autonomia, que as liberta, quasi completamente, do Conselho Superior de Economia Nacional: é a cada trust que compete o próprio abastecimento de matérias primas, o recrutamento dos seus operários, a organização do seu trabalho, etc...

A Economia russa vai portanto recuperar a flexibilidade que lhe é indispensável, e os resultados já obtidos mostram que, apesar da fome, a produção aumenta vertiginosamente, desde que se iniciou a nova politica económica.

Mas, e este ponto é essencial, a nova politica só poderá conduzir ao comunismo e à suspensão definitiva do patronato e do salariato, se conseguir dar forma a um instrumento de circulação e de troca, entre as diversas colectividades produtoras, que torne impossível para sempre a apropriação privada do capital.

A velha literatura francesa ligava grande importância à noção do bonus de consumo. O que faz de «ençar a moeda, tal como existe em regime capitalista, do «bonus de consumo», tal como era visionado em regime socialista, é o facto de que a primeira — permitindo a apropriação dos meios de produção, das ferramentas e das oficinas — dá a quele que se apropriou desses meios, a possibilidade de submeter à sua vontade a quele que os não possuem e que para viver teem necessidade de trabalhar com as ferramentas, dentro das oficinas, enquanto que o «bonus de consumo», pelo contrario, sendo dado a cada um em remuneração do trabalho produzido, permite ao seu possuidor a aquisição, pelo valor desse «bonus» de todos os objectos de consumo que lhe quizesse, nunca porém lhe permitindo adquirir nenhum meio de produção.

Por muito grande que fosse o número de «bonus de consumo» que um trabalhador se podesse transformar num capitalista.

No meu entender, o sucesso comunista da nova politica económica russa, está dependente da criação duma qualquer espécie de «bonus de consumo» da construção dum aparelho de troca, absolutamente diferente daquelle que a economia burguesa se serve.

A produção russa está dividida, por vários organismos, simples particulares, colectividades operárias, «trusts» do Estado, etc. Se a classe operária russa consegue criar, entre essas diversas organizações, um meio de troca que dê aos membros dessas colectividades uma possibilidade de consumo proporcional à produção do seu respectivo grupo, mas que torne impossível a qualquer particular ou grupo, mesmo operário, a aquisição de meios de produção que devessem ser empregados em seu exclusivo proveito pela exploração de novos salariados — o comunismo poderá considerar-se salvo.

A civilização comunista está em marcha. Ao capitalismo só resta a morte.

Máquinas e Ferramentas

Para as indústrias,
para a agricultura
e para as colónias

instalações completas de:

fábricas de mógem, descasca de arroz, massas, serração, carpintaria, cerâmica, conservas, fição, tecidos, gelo, refrigerantes, adubos, papel e outras indústrias.
Máquinas de azulejo «PIETRO VERACI».
Motores a gaz pobre de 8 a 300 H.P. «PAXMAN».
Tractores «CASE» com as respectivas charruas «Grand-Du».
Tractores «CASE» com as respectivas charruas «Grand-Du».
Máquina de ouro no curso de Lincoln em competência com 38 outros concorrentes.
Locomóveis, com fornalha própria para queimar lenha, «PAXMAN».
Motores a óleo pesados «DIESEL» e SEMI-DIESEL.
Jogos de debulha «PAXMAN».
Enfardadeiras «STEPHENSON».
Máquinas de vapor, fixas, semi-fixas e caldeiras «PAXMAN» de todas as forças.
Cefeiros, gadanheiras, «DEERING».
Respiçadores e grades de dentes de mola.
Cultivadores e semeadores «PLANET».
Corta-feno simples e para ensilagem.
Trituradores para rações e cereais.
Desintegradores «CARTER».
Bombas centrífugas, aspirante-pressantes rotativas, Columbia, de jarro e relogio.

Sem excesso de reclame, a casa que tem em armazem não só os maquinismos que anuncia, mas ainda muitos outros que pela sua diversidade é impossível especificar. Para comprovar o que afirmamos, convidamos os nossos ex.ºs clientes a visitar os nossos armazens

Fornecem-se propostas e orçamentos

Eduardo Pinto de Sousa & C.ª, L.ª

Telef.: C. 193 e 2288 — 74, Rua 24 de Julho — End. telegr.: Mecânica-Lisboa
LISBOA

Ninguém segure prédios ou mobílias
contra incêndio, sem consultar



A MUNDIAL
COMPANHIA DE SEGUROS

Capital 500.000\$00 — Reservas: 640.696\$14,7
SEDE EM LISBOA DELEGACÃO NO PORTO
Rua Garrett, 95 — Tel. 4084 R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

A Mundial, de acordo com um fortíssimo grupo ressegurador, estabeleceu prémios para os seus segurados que DESAFIAM TODA A CONCORRÊNCIA, oferecendo a máxima das garantias. NÃO SOBRECARRÉGA os segurados com quaisquer ADICIONAIS para impostos, que são integralmente pagos pela Companhia, nem com custos de apólices. Segura também contra INCENDIO E ROUBO numa só apólice.

AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS

A Crise do Socialismo

Brochura de grande actualidade
por AUGUSTIN HAMON

Sua evolução. — Sua situação presente. — Suas causas. — Seus efeitos. — O futuro.

Encontra-se já à venda nas livrarias, tabacarias e quiosques.
PREÇO \$40

ARMAZEM APOLO
30, Rua do Amparo, 34

BARBEITOS & LEÃO

Participam a todos os amigos e camaradas que tomaram a gerência daquele armazem, onde se encontra um grande e variado sortimento de artigos de

Chapelaria e Sapataria

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Valério, Lopes & C.ª L.ª

Telefones (central) 2778 e 3478
gramas Ferraria

Ferramental completo para todos os ofícios
Ferragens de todas as qualidades, chapas de ferro, latão, zinco, chumbo e amarelas diversas.
Carreia, vagonetas e todos os pertences do material.
«Decauville»

22, largo de S. Julião, 28
Rua Nova do Almada, 1, 3 e 7
LISBOA

Bombas «Worthington» e «Giffard» para alimentação de caldeiras.
Bombas de trasfega «NOEL».
Desnatadeiras e batadeiras «ANGELUS».
Crivos seleccionados «Mapot».

Recessorios para todas as debulhadoras e telheiras
Redes de aço para escovadores.
Carrinhos de mão para sacos.

Tubos de aço para caldeiras fixas e locomóveis

Magnetos e alumaginas para motores.
Aparelhos diferenciais e mandris.
Lubrificadores de todos os sistemas.

Óleos, correias e empanques

Ferramentas para as indústrias.
Tornos, limadores, máquinas de frezar, furar e atarrachar «DANISH».

Instalações completas de luz e força motriz

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindíssimas, formados dos mais famosos fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL



ESPECIALIDADE EM CHAPEUS DE SEDA E FLAMÃO

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.º Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.º Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.º Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

Publicações sociológicas

(A' venda na Secção de Livraria de A BATALHA)

	Pelo correio	Pelo correio
Adelino de Pinho. — Quem não trabalha não come.....	050 455	
Adolfo Lima. — O contrato do trabalho.....	2400 2430	
Afonso Schmidt. — Evangelho dos Livres.....	030 025	
Basílio Teles. — O estatuto dos povos.....	060 070	
Briand. — A greve geral.....	012 015	
Campes Lima. — O movimento operário em Portugal.....	030 070	
Carlos Rato. — A estrutura do Proletariado.....	040 045	
Carneiro de Moura. — A mulher e a civilização.....	1450 1460	
Cesar dos Santos. — A questão operária e o socialismo.....	050 055	
Charles Albert. — O amor livre.....	1900 1910	
Conte. — Contra o socialismo.....	010 015	
Delais. — Os financeiros, os políticos e a guerra.....	010 015	
Domela Nieuwenhuis. — Pátria e Humanidade.....	002 005	
Dufour. — O socialismo e a próxima revolução (3 vol.).....	2400 2430	
Emilio Costa. — A acção legal.....	005 009	
Ettevant. — A minha defesa.....	010 015	
Fabre Ribes. — O socialismo e o conflito europeu.....	080 085	
Griffuelles. — A acção sindical.....	050 055	
Guilherme de Greef. — As leis sociológicas.....	1800 1815	
Guyau. — Ensaio da moral sem obrigação nem sanção.....	1400 1415	
Hamon		
Conferência da Paz e a sua obra.....	1400 1415	
As lições da guerra mundial O movimento operário na Gran-Bretanha.....	1900 1915	
Psicologia do militar profissional.....	1900 1915	
Psicologia do socialista-anarquista.....	1900 1915	
Henriette Roland. — A Rússia nova.....	012 015	
Jean Grave		
A Anarquia-Pis e meios.....	0450 0475	
A Sociedade futura.....	1900 1915	
O indivíduo e a Sociedade.....	1900 1915	
José Carlos de Sousa. — A propriedade privada.....	020 025	
José T. Lorenz. — Maximalismo e Anarquismo.....	020 025	
Jules Guesde. — A lei dos salários.....	012 015	
Kropotkin		
A Anarquia, sua filosofia e seu ideal.....	060 065	
A Grande Revolução (2 vol.).....	2400 2430	
A moral anarquista.....	1812 015	
Laetitia		
Confederação Geral do Trabalho.....	050 055	
Prat		
Necessidade da associação.....	005 010	
Ricardo Mella		
O princípio do fim.....	005 008	
Rossi. — A sugestão e as multidões.....	060 070	
Russurano. — A escravidão social da mulher.....	060 070	
Santos. — A transformação da sociedade pelo socialismo.....	015 018	
Tolstói		
O canto do cisne.....	1900 1910	
Últimas palavras.....	2400 2410	
Trótsky. — Constituição política das repúblicas dos Soviéticos.....	012 015	
Um de nós		
A caninhã.....	050 060	
Vandervelde. — O colectivismo e a evolução industrial.....	1400 1410	

O BRIC A BRAC DE ALCANTARA

DE —
JOSÉ JOAQUIM NICOLAU VERISSIMO
37, Rua de Alcantara, 37 Sucursal: III, Rua do Livramento, 113
COMPRA E VENDE E TROCA MOVEIS NOVOS E USADOS e diferentes objectos
Pilha de milho, K.º 445 cív., fina, K.º 470 cív. — Lenha, K.º 408 cív.
5 oje de desconto aos assinantes de A BATALHA

Companhia Nacional de Navegação

Linha regular de três em três semanas, entre a Metrópole e as Colónias Portuguesas

Vapor EXTREMADURA

Saíra no dia 10 de corrente, para Leixões.

Vapor AFRICA

Saíra no dia 1 de Fevereiro para Funchal, S. Vicente, Praia, P.º Príncipe, S. Tomé, Cabinda, Zaire, Ambriz, Loanda, Chio, B. Velha, Ambriz, Luanda, Benguela, Matadi, Landana, Mucua e Musserra com transbordo em Loanda) Novo Redondo, Lobito, Benguela, Mossamedes, B. dos Tigres e F. Alexandre.

Vapor MOÇAMBIQUE

Saíra em 21 de Fevereiro para os portos acima indicados.

Vapor MOSSAMEDES

Saíra em 1 de Março para os portos acima indicados.

Para carga, passageiros e mais esclarecimentos, dirigir-se aos escritórios da Companhia Nacional de Navegação

EM LISBOA: R. do Comércio, 85 NO PORTO: R. da Nova Alfândega 24

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

DIRECCÃO GERAL

ABASTECIMENTOS

Venda de papel inutilizado

No dia 30 de Janeiro, pelas 15 horas, na estação central de Lisboa (Rocio), perante a Comissão Executiva desta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para a venda de 30.000 quilos, aproximadamente, de papel inutilizado.

As condições estão patentes, em Lisboa, na 4.ª Repartição da Direcção Geral (edifício da estação de Santa Apolónia) todos os dias úteis, das 10 às 16 horas.

O depósito para ser admitido a licitar deve ser feito até às 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio externo da estação de Rocio.

Lisboa, 10 de Janeiro de 1922.

O director geral da Companhia

(a) Ferreira de Mesquita

FORMIOL

TONICO MUSCULAR

REGISTADO

Medicamento de êxito notável na cura da fraqueza geral, fraqueza cerebral, aversão a memória e evasão a neurastenia. Os seus maravilhosos efeitos são absoletamente garantidos no tratamento da anemia, tuberculose, fraqueza genital, doenças do coração e pulmões, estados nervosos, suores nocturnos, prostração física, menstruações irregulares, perdas seminaes, escrófula, linfite, etc. Tónico por excelência do sistema nervoso e muscular, aumentando as forças e evitando a



que se tem tratado das doenças indicadas e sempre com optimos resultados. Não há 2 frascos, mais 50 centavos.
Depositar em Lisboa: Farmacia Barral, R. do Ouro, 128; Estácio, Rocio, 124; Coimbra: Farmacia Nazareth, R. Ferreira Borges, 128; Santa Maria, R. da Moura, 121; Setúbal: Farmacia Oliveira, R. da Moura, 121; Braga: Instituto Gilescio, Praça do Conde d'Agrolongo, 25; Évora: Farmacia Ferro, R. João de Deus, 53; Faro: Bandeira & C.ª, R. de Santo Antonio, 50; AFRICA OCCIDENTAL — S. Tomé: José Pedro da Fonseca, R. General Calheiros, Leiria: Serra, Annes & Irmão, — Benguela: Farmacia Continental.

DEPOSITO GERAL — Farmacia Albano

57, R. da Escola Politécnica, 59 — Lisboa

Belsaúde VITERI

Cigarrilhas medicinas ultra-elegantes

Cura rapidamente

Gargantas, defluxos, laryngites, bronquites, tosse, pigarro, rouquidão, apressam a cura de todas as doenças da boca, garganta, ouvidos, narizes, bronquios e pulmões.

1.º Desiccate profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais poderoso dos inhaladores.

2.º Usado pelas senhoras: mais fina porque perfuma o hálito e evita a contaminação e por todas as pessoas que tem de suportar óculos dardidos porque defende de contágios perigosos.

3.º São usadas pelas pessoas doentes, pelas asthmas ou que sofrem de bronquites crónicas, porque limpando o pigarro abre-lhes o apetite e promovem os reparadores seguidos.

4.º Limpando o pigarro, combate a rouquidão, acalora a voz e fortalece as cordas vocais; por isso são usadas pelos que cantam ou falam em público.

O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

5.º Atenua a acção nociva da nicotina que se deposita nas vias respiratórias dos fumadores e de quem com eles convive, evitando-lhes o cancro e o óbito cardíaco.

6.º Desentorpece o cérebro fatigado, activa as faculdades intelectuais, e tende a surmenagem cerebral. Usadas por todos os que pensam muito.

7.º Usadas pelas pessoas que viajam ou frequentam salas dos doentes, porque fazem sanar o ambiente e libertam-se de todas as células das vias respiratórias, prevenindo as doenças contagiosas, ta como: tuberculose, coqueluche, pneumonias, difteria, sifilis, etc.

Há conveniência em engulir o fumo

PREÇO DAS CIGARRILHAS

Fórmula corrente: 80 centavos — Fórmula n.º 2 (forte) cart. 90 centavos

Fórmula n.º 3 (fortíssimo) cart. 1\$00

Depósito dos preparados com sãlo VITERI:

Vicente Ribeiro & C.ª Suc

Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

SAIDAL

E' o único específico ideal e indispensável às senhoras para sua segurança. FRIERAS, — só o verdadeiro de Maio as cura rapidamente. TOSSES — só as Pílulas Santos são radicais.

FARMACIA GABRAL, Suco, — R. sidente Ariaga, 38. — PAMPULHA Lisboa.

A. MACHADO

CANÇÕES SOCIAIS

Preço, 405 — Pelo correio, 480

Pedidos acompanhados da respectiva portância à administração de A Batalha

A COMUNA

Semanário Comunista Libertário

Redacção e Administração

Rua do Sol, 131 — PORTO

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima. — Estatutos de 1914

Divisão do Material e Tracção

Serviço dos Armazéns

Fornecimento de 50 toneladas de ferro fundido macio

No dia 23 de Janeiro, pelas 10 horas, na Comissão Executiva desta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de 50 toneladas de ferro fundido macio e para fundição.

As condições estão patentes, em Lisboa, na repartição central do Serviço dos Armazéns da Divisão do Material e Tracção, no edifício da estação de Santa Apolónia, todos os dias úteis das 10 às 16 horas.

O depósito para ser admitido a licitar deve ser feito até às 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio externo da estação de Rocio.

Lisboa, 14 de Janeiro de 1922.

O Director Geral da Companhia

(a) F. de Mesquita

NENO VASCO

Pela secção de livraria de A Batalha e impresso em papel couché, acaba de ser posto à venda um belo retrato deste nosso falecido camarada.

Preço \$20 centavos

Para a provincia acresce o porte do correio.

Rua dos Fanqueiros, 255